EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 17 / NÚMERO 34 / AGOSTO A DEZEMBRO DE 2017



# Artes híbridas em cena: Processos artísticos e pedagógicos em um curso técnico de teatro

*Diego Ebling do Nascimento*[1]



**Resumo:** Este trabalho busca refletir sobre as manifestações artísticas híbridas nos processos artisticopedagógicos de um curso técnico de teatro. Como estratégia metodológica foi realizado um estudo de caso em uma instituição de ensino particular no município de Curitiba. Em um primeiro momento é evidenciado o que os(as) professores(as) da escola entendem pelo conceito de artes híbridas. Todos eles(as) apresentaram clareza na definição do conceito. Identificamos que a escola trabalha em uma perspectiva interdisciplinar e busca uma formação que dê ferramentas para os(as) alunos(as) serem artistas mais completos, experienciando outras linguagens artísticas além do teatro.

**Palavras-chave:** Artes híbridas; Teatro; Processos artisticopedagógicos.

## Hybrid arts in scene: Artistic and pedagogical processes in a technical course of theater

**Abstract:** This work thinks about the hybrid art forms in artistic and pedagogical processes of a technical course of theater. Our methodology was a case study in a private educational institution in the city of Curitiba. At first, it is brought to light what the teachers from this school mean by the concept of hybrid arts. We noticed that all the teachers had clarity in the definition. We found out that the school works in an interdisciplinary perspective and the school demands for training and tools that make students best artists, which make them to experience other artistic languages beyond the theater.

**Keywords:** Hybrid Arts. Theater. Artistic and Pedagogical Processes.

## INTRODUÇÃO

Ser híbrido significa misturar e produzir outro produto, diferente dos iniciais. O termo pode ser entendido como o cruzamento entre diferentes

[1] É professor, extensionista e pesquisador na área da dança e da educação física da Universidade Federal do Tocantins. Mestre e licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Artes Híbridas e em Dança e Consciência Corporal. Pesquisador do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer, Rede CEDES. Coordenador do Projeto de Extensão "Laboratório de Investigação do Movimento Autônomo" - (LIMA); Colaborador do projeto "Dança Contemporânea: Corporalidades Experimentais". Organizador das atividades do "Núcleo 8 (Educação Somática)" no estado do Tocantins (TO).

NASCIMENTO, Diego Ebling. Artes híbridas em cena: Processos artísticos e pedagógicos em um curso técnico de teatro. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.153—165, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.



espécies, animais ou vegetais. Ou, ainda, como palavras compostas de elementos provenientes de línguas distintas. O conceito de híbrido também passou a ser utilizado em outras áreas, como é o caso da Educação Híbrida (2015), do Hibridismo Cultural de Peter Brook (2006) e da que mais nos interessa neste trabalho, as Artes Híbridas.



Pensar os hibridismos nas artes cênicas significa pensar em propostas que combinam outras áreas de conhecimento. Sejam outras artes (artes visuais, música, cinema, por exemplo) ou tecnologias (digitais, robóticas, virtuais, entre outras...). De acordo com Santaella (2004, p. 135), o teatro, a ópera e a performance são híbridas por sua própria natureza. Para a autora, o hibridismo nas artes significa pensar e se utilizar das "linguagens e meios que se misturam, compondo um todo mesclado e interconectado de sistemas de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada".

Misturar diversos elementos é uma característica dos nossos tempos. Na contemporaneidade, é comum vermos muitos trabalhos artísticos híbridos. É o que afirma Hora (2010, p. 111), quando diz que "o hibridismo contemporâneo entre as artes, a tecnologia e a comunicação se apresenta como desafio para o discurso teórico e histórico sobre uma produção artística que, cada vez mais, reitera sua predileção pelo trânsito sobre e por entre as margens".

Diante desses fatores, comecei a me questionar sobre os seguintes tópicos: a) como os(as) professores(as) entendem o conceito de artes híbridas? b) como se organizam as manifestações artísticas híbridas nos processos artisticopedagógicos dos(as) professores(as)? c) os(as) professores(as) pensam em práticas híbridas? d) como essas hibridações são vistas por eles(as)?

Para tentar responder a essas perguntas, o presente estudo busca refletir sobre as manifestações artísticas híbridas dentro dos processos

artisticopedagógicos de professores(as) de uma instituição de ensino técnico particular em teatro no município de Curitiba.

## CAMINHOS PARA REALIZAÇÃO DO ESTUDO



A pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso foi escolhida visando ao melhor aproveitamento dos dados e para melhor responder às questões e aos objetivos propostos no estudo. Minayo, Deslandes e Gomes (2012, p. 21) atestam que a pesquisa qualitativa "responde a questões muito particulares, [...] com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado [...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes".

O desenvolvimento da metodologia de estudo de caso será pautado pelas contribuições de Yin (2010). O autor salienta que o método de estudo de caso é relevante quando se procura explicar alguma circunstância presente, fazendo sua descrição ampla e "profunda".

Para isso, durante o mês de abril de 2016 foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores(as) de uma escola de ensino técnico particular em teatro no município de Curitiba. Desse modo, ressalto que os dados coletados são de natureza verbal e foram transcritos para esta pesquisa.

Realizamos estudos de casos-piloto com dois professores que fazem parte da população da pesquisa, mas que, por estarem na instituição há um tempo menor que os demais, não farão parte da amostra.

Foram entrevistados os(as) professores(as) que atuam com a interpretação teatral, com as aulas de corpo e com as aulas de voz, além do diretor e da coordenadora pedagógica do curso técnico em teatro.

Os(as) professores(as) escolhidos(as) para fazerem parte do estudo foram selecionados(as) pelo tempo de trabalho, ou seja, foram escolhidos(as) os(as) professores(as) que estão há mais tempo na escola lecionando em suas



áreas de conhecimento e pela função que eles(as) exercem na escola, como é o caso do diretor da escola e da coordenadora pedagógica.

Para a coleta de dados nos utilizamos de entrevistas com os professores que atuam no curso técnico, com o diretor da escola e com a coordenadora pedagógica, além de realizarmos observações das aulas.



Os dados foram coletados na própria escola, as entrevistas foram previamente agendadas levando em consideração a disponibilidade de horário do pesquisador e dos entrevistados.

## O CONCEITO DE ARTES HÍBRIDAS NA VISÃO DOS PROFESSORES

O entendimento do conceito de artes híbridas aparece de diversas formas para os professores da escola estudada. Há professores que foram mais diretos ao definir o conceito e há aqueles que utilizaram analogias para fazer essa definição, como é o caso da fala do diretor da escola ao explicar o conceito de artes híbridas; ele coloca:

> “ Artes híbridas para mim é um corpo. É a mesma coisa que perguntar o que é um corpo humano. Você vai olhar para várias coisas, para vários pontos. E eu acho que você começa a ter uma noção do que é corpo humano quando você começa a pensar que há uma conexão geral para que ele funcione, para que ele se comunique. Eu acho que as artes híbridas elas se fundem, mas ao mesmo tempo elas possuem a sua proposta singular, a sua característica primordial que fortalece ou se enfraquece, se fragiliza diante de outra arte. Eu acho que é uma comunicação dinâmica. Arte híbrida é uma possibilidade extrema de expressão humana, de expressão do corpo. E eu falo corpo como um conceito imaginário, não um conceito físico. Da mesma maneira que a gente fala corpo a gente está falando de artes híbridas, tudo se conecta a tudo, em um dinamismo de forças” (Diretor da escola).

Algumas respostas sobre o conceito de artes híbridas mostram uma necessidade de repensar o que acontece na prática, nos trabalhos artísticos e pedagógicos. Como é o caso da fragmentação do conhecimento em disciplinas, necessidade exigida pela própria burocratização do ensino. O relato da professora faz uma crítica a esse sistema:



"Na verdade, para mim isso não deveria existir. Para mim só tem a necessidade de ter esse termo pela necessidade das pessoas colocarem as linguagens em caixinhas" (Professora de escola).

De acordo com Morin (2000), as ciências não eram vistas como "fragmentos do saber", mas ao longo do tempo surgiram subdivisões, as disciplinas.



Corroborando com essa ideia, Bonacelli (2014, p. 1) argumenta que "essa percepção é recente, dada a importância das disciplinas ao longo da evolução científica, econômica e social da humanidade" e complementa,

> [...] a organização do conhecimento científico em torno de disciplinas – lá no século XIX – e das áreas do conhecimento baseadas nestas foi de grande valia para o avanço do ensino e da pesquisa naquele momento histórico, pois introduziu mais fortemente a figura do método científico e das provas argumentativas – da verificação e experimentação –, assim como a profissionalização das atividades de ensino e investigação. Ou seja, naquele ambiente fazia sentido a criação das "caixinhas do saber"; ou, até mesmo, elas foram essenciais para o avanço do conhecimento e da sociedade em geral. (BONACELLI, 2014, p. 1).

No entanto, os tempos são outros, estamos em um momento histórico no qual necessitamos estabelecer uma maior articulação e menor fragmentação entre as linguagens da arte (MORIN, 2000). Apesar disso, Bonacelli (2014, p. 3) diz que "é mais 'fácil' ser disciplinar. É mais 'confortável' replicar o que se aprendeu. É mais 'cômodo' usar referências bibliográficas de cursos (muitas vezes 'disciplinares') e práticas aprendidas da formação anterior, geralmente disciplinar".

É importante salientar que estamos falando de uma escola de arte. E como é uma escola regulamentada para a oferta de um curso técnico, ela se insere em uma lógica instituída pelo Ministério da Educação que, de certa forma, exige essas disciplinas; porém, estamos falando, também, de formação



artística. E nesse contexto há um atrito nos modos de pensar. É o que coloca a coordenadora pedagógica da escola:

"Eu não sou pedagoga, por isso que eu me bato toda, eu sou artista. Então, eu acho que eu faço o caminho inverso, eu vou pelo outro viés. Eu tenho a minha formação artística que ela foi calcada sim em um hibridismo, a minha escola era stanislavskiana, mas os momentos finais da minha formação eu já enveredei para o teatro físico, me aproximei de um dos meus professores, que adorava trabalhar com projeção, com linguagem de cinema, com a linguagem minimalista. Então já faz parte, quando eu paro pra pensar como vai ser o curso, eu não consigo fechar ele em um caixa, eu já penso nele amplamente. Aí eu vou atrás da teoria pedagógica que dê conta do que eu quero, não é me pautar dentro de uma proposta pedagógica para aí adequar o conteúdo artístico, eu acho que se tiver que ter um ganho da minha parcela de contribuição dentro desse trabalho que eu desempenho é porque eu faço às avessas" (Coordenadora pedagógica da escola).



Ainda nesse sentido, o diretor da escola coloca a diferença entre a ciência, a arte e a religião. Ele vai dizer que:

"Há três áreas que não se misturam, que é a arte, a ciência e a religião. Cada uma tem uma propriedade de pensamento, de postura. Então a arte, e nesse sentido ela está próxima da religião, tem muito a ver com a crença, mas, diferente da religião, a arte pode ser corporificada, ela pode ser colocada na matéria para que se sinta o que é, já a religião é totalmente espiritual, é na fé, é na crença. Enquanto que a ciência não, a ciência precisa ser palpável, precisa ser comprovada. [...] Nós, hoje, nos baseamos, muitas vezes, na arte junto com a religião ou junto com a ciência. [...] é preciso entrar em contato com a arte, ao invés de desenhá-la, ao invés de setorizá-la, conceituá-la de uma maneira unilateral ou univisionária, quanto mais a gente explica a arte, mais a gente quer entender essa abrangência, mas mais distante dela nós nos tornamos. [...] Eu consigo entender que esse aluno cresceu como artista não porque ele acumulou conhecimento, mas ele ampliou sua consciência. O artista só pode atuar se ele amplia a consciência, não se ele acumula conhecimento. Acumular conhecimento você acumula na ciência, na religião, mas não na arte, na arte você amplia a consciência. E esse é um processo para a vida toda" (Diretor da escola).

Massarani, Moreira e Almeida (2006, p. 7), pautados nas ideias do físico e epistemólogo Jean-Marc Lévy-Leblond, demonstram similaridades e assimetrias entre a arte e a ciência. Os autores vão dizer que para a

> [...] ciência falta um componente essencial comum a toda atividade artística e cultural: a dimensão crítica. Tal distanciamento, constitutivo da modernidade artística, seja no



> que se refere ao valor estético ou à significação social de suas obras, estaria largamente ausente da prática científica. A ciência, no seu ritmo cada vez mais rápido de publicações, teria pouco tempo para a reflexão crítica interna. Uma etapa crucial da atividade criativa, o movimento de recuo, o tempo do olhar que permite perceber a obra no seu conjunto estaria ausente na ciência contemporânea.



Pensar o ensino da arte nessa proposta é desafiador e, talvez por isso, a arte esteja em um local periférico na nossa cultura; as preocupações são outras, o dinamismo contemporâneo não dá lugar à arte. Além disso, envolve outras questões delicadas, que, ao mesmo tempo que estão ligadas a esta diligência contemporânea, se contradizem, como é o caso das exigências burocráticas.

Entendendo a arte como um espaço potente para gerar momentos de reflexão, uma área de conhecimento que está aberta a propor espaços de criação que visam desenvolver o olhar sensível e a coletividade, trazemos outro conceito interessante explanado por um dos professores da escola. Para ele, o termo artes híbridas refere-se especialmente às ideias de compartilhamento e de transformação.

> “É algo que você pode ter o poder de lapidar e de transformar. Na verdade é uma semente que nasce em você, para mim esse hibridismo é o lampejo da tua ideia, e ela vai se transformando a cada momento. A partir do momento que você coloca isso pra fora [...] que você joga determinada ideia pro outro, ele vai ser híbrido para o outro e aí no coletivo vai nascer um outro hibridismo, e um outro hibridismo, e um outro hibridismo... Eu acho que não tem fim. Porque ele é sempre um renascimento e acho que isso é o que é mais legal. O poder de se transformar, você não formata uma ideia. Você está sempre trabalhando com alguma coisa nova e inédita, potencializando a descoberta de algo novo (professor de teatro).

O professor de canto, em sua fala sobre o conceito de artes híbridas, também valoriza a formação de artistas híbridos.

> “Para mim é uma arte que tem uma mistura, uma fusão, traz um pouco de elementos de outras linguagens artísticas. Isso é bem importante e significativo, até mesmo para que a gente consiga atingir uma ideia de artista mesmo” (Professor de canto).



Todos os conceitos que foram definidos pelos professores de arte da escola conversam com os conceitos que encontramos nos estudos sobre as artes híbridas, o que demonstra um interesse e um domínio desses conteúdos e modos de fazer arte na contemporaneidade.



## PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO E DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE: A ESTRUTURAÇÃO DO CURRÍCULO

Antes de se tornar curso técnico em teatro, havia o curso livre de formação de atores. Foram feitas modificações significativas no currículo anterior para suprir as necessidades de construir um curso técnico. A carga horária foi ampliada e a proposta interdisciplinar se intensificou.

De acordo com Nunes e Oliveira ,

> [...] a interdisciplinaridade baseia-se em um trabalho conjunto entre professores de diferentes linguagens na busca de uma articulação entre os conteúdos. Uma proposta deste tipo está pautada em um trabalho que possibilite trocas, discussões, avaliações e planejamento conjunto. (NUNES; OLIVEIRA, 2011, p.4).

Segundo Nicolescu (1999, p. 11), a interdisciplinaridade “diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra [...] [ela] ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar”.

A coordenadora pedagógica relata que antigamente, no curso livre de formação de atores, as disciplinas eram ofertadas de uma forma disciplinar.

“ Tinha um monte de disciplinas, mas ainda era visto segmentado, então era as caixinhas. Aula de voz era a caixinha da voz, caixinha do corpo, da semiologia, da psicologia” (coordenadora pedagógica).



No ano de 2010, o diretor da escola foi convidado para ministrar um curso de teatro na Suíça, na escola da Cia Maurice Béjart, o que modificou seu olhar sobre a arte.



“ Quando eu cheguei no primeiro dia conversando com o professor, com o Merce eu disse: - Parabéns pelos seus bailarinos. E ele respondeu: Não Merce, eles não são bailarinos, são artistas. Aquilo mexeu muito comigo e [foi] até uma confirmação daquilo que supostamente acreditava, ou talvez não acreditava. E quando eu voltei para Curitiba pediram para eu falar para os alunos [...] qual foi a experiência de estar no Maurice Béjart e a única coisa que eu conseguia pensar era nesse momento. Eu lembro que eu dizia aqui para todo mundo, em breve a Escola vai ter uma outra cara, eu acho que a Escola vai ser o reflexo dessa minha viagem. Eu acho que em seis anos a gente conseguiu construir essa história, em seis anos a gente conseguiu aproximar talvez não tão primorosamente como acontece no Béjart, mas acho que muito melhor que muitas escolas, a gente tem um olhar multifacetado. Eu hoje olho para o ator pensando nele como bailarino ou como um ser dançante, como um ser cantante e um ser circense. Então eu não consigo mais pensar na segmentação[...]. É claro que tem algumas coisas que são específicas de cada área, mas eu acho que todas se encontram em algum ponto no futuro” (diretor da escola).

E, com a construção do curso técnico de teatro, essas ideias e experiências que o diretor teve a partir da viagem que fez começaram a ser colocadas em prática. Foi realizada uma reunião na escola para reestabelecer o currículo, quando foi conversado, de acordo com a coordenadora pedagógica da escola, sobre a necessidade de se trabalhar a agilidade de raciocínio em cena; essa agilidade não é racional somente, é um pensamento cênico, relacionando a fala, o gesto, a expressão corporal, a expressão vocal. A partir daí foi definido como seriam organizados os semestres do curso.

Hoje o curso é realizado em dois anos e meio (cinco semestres), quando os alunos passam por uma base de formação stanislavskiana[2], durante os três primeiros semestres. Nestes períodos os alunos entram em contato com o universo da improvisação teatral, do teatro infantil e do teatro de época. Após isso, nos dois últimos semestres, os alunos entram em contato com o

[2] A escola utiliza como base para os estudos de interpretação o método ou sistema de Constantin Stanislavski (1863-1938).



teatro contemporâneo e o teatro musical, espaços que, segundo a coordenadora pedagógica, são mais privilegiados para as produções híbridas.

Outra questão importante de se tomar como desafio são as diferentes formas de pensar a arte e o ensino, pautadas nas experiências de quem se relaciona com os processos artisticopedagógicos – alunos, professores e equipe diretiva. Embora o curso trabalhe com a formação básica stanislavskiana, não é pré-requisito para ministrar aulas no curso técnico ser formado por essa escola, então cada professor(a) pode ser formado(a) por escolas diferentes. Isso enriquece os trabalhos artísticos e o conhecimento em teatro dos alunos.



Desta forma, podemos perceber, através das entrevistas e das observações de campo, que a definição dos conceitos de artes híbridas relatadas nesta pesquisa se relacionam com as práticas artísticas e pedagógicas da escola.

Os(as) professores(as) também compartilham desse pensamento, como podemos ver no relato abaixo.

“Quando você faz um processo artístico de verdade, e não para privilegiar o desenvolvimento de uma linguagem específica, é inevitável que as linguagens se unam. Não tem uma linha limite de onde você está falando da estética sonora, ou da estética física, ou que você está falando da necessidade estrutural, porque eu acho que o processo não deveria ter como fim prevalecer uma linguagem, deveria ter como fim alcançar um conteúdo, se utilizando de múltiplas linguagens que cabem naquele conteúdo. Então, só existe necessidade desse termo por termos mania de privilegiar uma linguagem” (professora de corpo e dança).

Deste modo, foi possível perceber que a escola pensa e valoriza as hibridações. A coordenadora pedagógica contribui com essa afirmação em sua fala:

“Eu não consigo mais me imaginar pensando sem estar com um milhão de instrumentos e imagens na minha cabeça, eu não consigo mais desvincular disso. É até engraçado pensar: Como seria a produção de um espetáculo sem o hibridismo? Não sei (risos). Porque faz parte já do imaginário de todo mundo”.





É importante ressaltar que as escolhas por um teatro mais textual, físico, musical ou que contemplem outras linguagens artísticas, outras possibilidades de hibridação, se dão pelos(as) professores(as) que ministram as aulas de interpretação teatral, pois são eles(as) quem dirigem os espetáculos montados durante o curso técnico. São eles(as) os(as) responsáveis pela coordenação dos trabalhos das turmas desenvolvidos ao final de cada semestre.

Havendo essa coordenação, percebemos que o curso se encontra em uma perspectiva interdisciplinar, o que já é um grande avanço, visto que estamos rodeados de instituições que trabalham na perspectiva disciplinar. Pensar, propor trocas e experiências dentro desta perspectiva favorece o surgimento de pensamentos múltiplos e junto com isso abre espaço para a produção de trabalhos artísticos híbridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência da modernidade, as manifestações artísticas têm se tornado cada vez mais híbridas. Diante disso, percebemos a necessidade de se discutir conceitos que tangem essas manifestações, visando entender melhor como elas surgem na contemporaneidade e como elas se potencializam nas construções de trabalhos artísticos contemporâneos.

“Permitir se fazer relações entre as diferentes linguagens artísticas no ensino de Artes é tentar romper com as barreiras entre o visual, o gestual e o sonoro, coisa que os artistas contemporâneos já vêm fazendo há tempo” (NUNES e OLIVEIRA, 2011, p. 3).

É interessante perceber como cada profissional conceituou o termo artes híbridas. No decorrer das entrevistas encontramos aproximações e formas de pensar similares em relação ao termo. Todos os profissionais entrevistados



tinham clareza do conceito e conseguiram se posicionar e expor suas ideias de uma maneira bastante consistente.

Também foi possível perceber que há preocupação da equipe diretiva e dos(as) professores(as) envolvidos(as) no processo de ensino-aprendizagem em possibilitar espaços de trocas entre as diferentes linguagens artísticas. A escola trabalha em uma perspectiva interdisciplinar e almeja que o ensino da arte possibilite as relações híbridas na construção dos trabalhos artísticos, contemplando um fazer artístico mais completo.



No entanto, para pensarmos em um artista completo, como foi relatado nas entrevistas, exposto como desejo e objetivo da escola, não seria interessante pensarmos em uma perspectiva transdisciplinar ao invés da interdisciplinar?

Segundo Nunes e Oliveira (2011), a transdisciplinaridade é uma prática que possibilita o trânsito entre os saberes, entre as diferentes linguagens da arte e reforça que

> [...] também está pautada em um trabalho conjunto entre professores, porém não apenas com o objetivo de se fazer um planejamento conjunto, mas de acompanhar o desenvolvimento da proposta, avaliando, discutindo, colaborando e, inclusive, com cada professor ensinado os seus próprios colegas (NUNES e OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Essa perspectiva não poderia contemplar os processos de ensino-aprendizagem na formação de artistas híbridos de uma maneira mais eficiente, já que ela não estabelece hierarquias de conteúdo? Ainda assim, é possível constatar que o curso consegue fazer hibridação nos processos artísticos desenvolvidos na escola, dentro do curso de teatro, já que a mesma se propõe especificamente à formação de atores.

**Referências:**

BONACELLI, Maria Beatriz M. *Além das fronteiras*: a interdisciplinaridade para a interação entre (novos) conhecimentos. Revista Ensino Superior nº 12



(janeiro-março), Campinas: UNICAMP, 2014. Acessado em: 26 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/alem-das-fronteiras-a-interdisciplinaridade-para-a-interacao-entre-novos-conhecimentos>

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006

HORA, Daniel. Perspectivas históricas da arte_hackeamento. In: *Anais* do 9° Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#9ART): sistemas complexos artificiais, naturais e mistos**.** VENTURELLI, Suzete (org.) Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Arte, Brasília – DF, 2010.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; ALMEIDA, Carla. Para que um diálogo entre ciência e arte? *História, ciência e saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 7-10, outubro 2006. Acessado em 26 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500001&lng=en&nrm=iso>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES; Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social:* teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2012.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita:* repensar e reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

NICOLESCU, B. *Um novo tipo de conhecimento:* transdisciplinaridade. Educação e transdisciplinaridade. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/didatica_I/aula_04/imagens/01/transdisciplinaridade.pdf Acesso em: 18 abr.2016.

NUNES, Sandra Conceição; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. *Inter-Relações nas Linguagens da Arte:* uma tentativa de relacionar as linguagens artísticas no ensino de Arte na escola pública. 2011 Acessado em 26 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Sandra% 20Nunes.rtf>

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano:* da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed São Paulo: Paulus, 2004.

YIN, Robert K. *Estudo de caso:* planejamento e métodos. Tradução Ana Thorell 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.



NASCIMENTO, Diego Ebling. Artes híbridas em cena: Processos artísticos e pedagógicos em um curso técnico de teatro. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.153—165, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.